



ENTREVISTA COM PROFESSOR JUAN CARLOS SKEWES

Mauricio Caviedes

Professor na Universidade Federal da Bahia
<https://orcid.org/0000-0001-6268-3837>
E-mail: mauriocaviedes2009@gmail.com

Fernanda Santiago

Doutoranda em Antropologia na Universidade Federal da Bahia
E-mail: santiago.cientistasocial@gmail.com

REVZAB
● ● ● ● ● ●



Entrevista com o Professor Juan Carlos Skewes, 3 de Outubro de 2024.

Introdução

Em janeiro de 2023, o Professor Juan Carlos Skewes foi reconhecido com o Prêmio Nacional de Antropologia, no XI Congreso Chileno de Antropología no Chile, pela sua trajetória como pesquisador e professor. A trajetória do Professor Juan Carlos Skewes, no entanto, vai além da atividade acadêmica e está ligada com os movimentos sociais do seu país. Atualmente, o professor Juan Carlos Skewes atua no Departamento de Antropologia da Universidad Alberto Hurtado de Chile e como coordenador, junto com a antropóloga Rosana Guber (Centro de Antropología Social del IDES/Universidad Nacional de San Martín, Argentina) do Diplomado Internacional en Teorías Antropológicas Latinoamericanas y del Caribe.

Juan Carlos Skewes é antropólogo e licenciado em antropologia pela Universidad de Chile em 1978 e PhD em antropologia pela University of Minnesota. Como pesquisador, estuda a relação entre movimentos sociais e meio ambiente, relações de interculturalidade e desenvolvimento.

Esta entrevista, realizada em espanhol e gravada por meio de Google Meet, buscou analisar a sua trajetória a partir da sua experiência acadêmica e da sua proximidade com movimentos sociais e meio ambiente ao longo da história do Chile.

Parte I: Colaboração na Pesquisa Antropológica

Fernanda Santiago / Mauricio Caviedes: Qual tem sido o papel da colaboração em sua trajetória no trabalho antropológico?

Juan Carlos Skewes: Refletir sobre a minha experiência sempre representa uma forma de reconhecimento, algo que recebo com apreço. Essa reflexão se alinha ao fato de que minha parceira, Debbie [Guerra], e eu frequentemente colaboramos. Atualmente, um artigo sobre a colaboração no trabalho antropológico está em fase de publicação.

Estamos, também, preparando uma apresentação para um evento denominado Etnografia Comprometida, que ocorrerá em breve em Concepción, no Chile. Ao longo dos anos, temos nos dedicado ao estudo da colaboração e da articulação entre pesquisa e compromisso social no campo antropológico.

Dado que Debbie e eu temos trajetórias longas decidimos, para este evento, realizar uma análise retrospectiva sobre o papel da colaboração, do engajamento e da vinculação em nossas carreiras. Pessoalmente, considero que minha inserção no meio acadêmico ocorreu de forma tardia, com um intervalo de aproximadamente 20 anos, desde o início de minha atuação profissional. Isso explica a escassez de publicações em minha trajetória inicial, salvo algumas exceções. Essa realidade se deve,

em grande parte, ao contexto de resistência e dissidência durante a ditadura militar. Ao revisitar essa trajetória, percebo que diferentes momentos marcaram a minha experiência, distintos da conjuntura acadêmica atual.

Minha atuação profissional ocorreu no contexto da pobreza e da ditadura chilena. Naquele primeiro momento, o trabalho antropológico assumia essencialmente a forma de intervenção social, de maneira fragmentada, dada a vulnerabilidade e as condições adversas. Esse trabalho se direcionava a populações em situação de alto risco econômico e político.

Grande parte da minha experiência esteve vinculada a um programa de reabilitação — termo que, pessoalmente, considero inadequado — voltado para jovens em conflito com a justiça. Nos primeiros anos, minha principal preocupação era compreender como poderíamos atuar em um ambiente tão hostil. Esses jovens permaneciam em suas residências, sem encarceramento, e respondiam por delitos que variavam de furtos a homicídios. O grupo era composto por homens e mulheres de diferentes faixas etárias, incluindo indivíduos que chegavam aos 21 anos, uma vez que, à época, a legislação penal chilena considerava a maioridade apenas a partir dessa idade.

Parte II: Antropologia no Chile e a Ditadura Militar

Fernanda Santiago / Mauricio Caviedes: Naquele momento, você trabalhava como funcionário público, se entendi corretamente?

Juan Carlos Skewes: Bem, passei por uma situação peculiar. Inicialmente, atuava como funcionário público, mas, pouco tempo depois, tornei-me empregado de uma instituição privada, pois, naquele período, ocorreu a privatização do serviço.

Trabalhei como funcionário público por aproximadamente dois anos. No segundo ano da minha atuação, o sistema foi privatizado e, nos dois anos seguintes, passei a trabalhar para uma corporação que recebia subsídios estatais para executar o mesmo serviço, porém em condições significativamente mais precárias. Atendíamos cerca de 20 jovens dispersos por toda a cidade de Santiago e, com a privatização, esse número dobrou para 40.

Fernanda Santiago / Mauricio Caviedes: Esse processo de privatização envolveu a transferência de uma instituição estatal para a iniciativa privada? De que instituição se tratava?

A grande deformação: uma análise antropológica sobre os grandes empreendimentos desenvolvimentistas

Juan Carlos Skewes: Sim, tratava-se do Serviço Nacional de Menores, atualmente denominado algo como Serviço de Atenção à Infância. Era um programa paradoxal, pois havia sido criado sob a ditadura, denominado Liberdade Vigida.

Embora a formulação oficial do programa estivesse alinhada à lógica do regime, sua implementação acabou sendo distinta, pois buscávamos promover processos de transformação entre jovens que permaneciam em seus lares, em seus contextos sociais habituais. Esse programa foi um dos muitos que passaram pelo processo de privatização. Na realidade, não apenas ele, mas a maioria das instituições e programas de assistência direta a menores no país foi privatizada.

Havia também a Casa de Menores, um centro de reclusão que igualmente foi transferido para a administração privada. Além disso, muitos abrigos estatais passaram a ser geridos por fundações privadas, supostamente sem fins lucrativos, mas inseridas no mercado. No meu caso, continuei atuando nesse serviço sob gestão privada, vinculado a uma das duas fundações que assumiram a administração. Foi nesse contexto que iniciei a minha carreira profissional na Antropologia.

Fernanda Santiago / Mauricio Caviedes: Naquele momento, você conciliava os estudos com o trabalho como funcionário, ou já havia concluído sua formação? Se lembro bem, você se formou em Antropologia em 1978.

Juan Carlos Skewes: Sim, mas a minha trajetória acadêmica seguiu um percurso atípico. A graduação em Antropologia foi oficialmente instituída na Universidade do Chile em 1972, e eu ingressei naquele mesmo ano.

Naquele período, ainda não havia professores em número suficiente para atender à demanda do curso. Assim, enquanto ainda não havia concluído minha formação, fui convidado a ministrar aulas de Antropologia para estudantes de outros cursos, como Pedagogia e Psicologia. Iniciei minha experiência docente por volta de 1976, dois anos antes de obter meu diploma.

Desde então, nunca deixei de lecionar. Minha trajetória na Antropologia sempre esteve ligada à docência. No Chile, há um termo para esse tipo de professor: Profesor Taxi (Professor pago por hora). Permaneci vinculado à Universidade do Chile até 2005, sempre atuando de forma intermitente, sem um contrato de tempo integral, mas mantendo-me constante no ensino.

Essa flexibilidade me permitia transitar entre o trabalho de campo e a academia. Por exemplo, eu podia atuar em projetos voltados a populações que viviam em “campamentos”, depois ir à universidade para dar aulas e, em seguida, retornar ao atendimento aos menores. Essa situação fez com que o meu trabalho fosse muito movimentado naquele momento da minha carreira. Assim, quando me formei, já possuía experiência docente consolidada, o que me permitiu continuar como professor no ensino superior com o título profissional.

Fernanda Santiago / Mauricio Caviedes: Meu conhecimento sobre a Antropologia Latinoamericana é limitado, mas compreendo que, embora cursos nessa área tenham surgido em meados da década de 1960, durante a ditadura (a partir de 1973), eles foram mantidos com menor relevância acadêmica. A formação em Antropologia continuou existindo, mas as ciências sociais e humanas, de modo geral, passaram a ocupar um status secundário dentro da universidade.

Juan Carlos Skewes: Sim. Ingressei na universidade durante o Governo Popular, em 1972, e vivenciei cerca de um ano e meio de intensa experiência universitária. Com a chegada da ditadura, essa dinâmica foi abruptamente interrompida.

117 Por ser um curso relativamente novo, a Antropologia não era vista como uma ameaça pelo regime. No entanto, as disciplinas mais fortemente reprimidas foram Sociologia, Psicologia, Jornalismo, História e Filosofia. O campus da Universidade do Chile chegou a ser controlado pela Força Aérea, e muitos docentes e estudantes foram levados como prisioneiros políticos ao Estádio Nacional.

A Antropologia, por sua vez, estava situada fora do campus central, o que contribuiu para a sua sobrevivência. Dois fatores adicionais ajudaram a preservar o curso. Primeiro, o diretor do departamento, ao contrário da tendência predominante, era filiado à Democracia Cristã, partido que manteve certo controle sobre a universidade por um período, o que mitigou a perseguição ao curso de Antropologia. O segundo fator foi o fato de o departamento englobar Antropologia e Arqueologia, sendo esta última altamente prestigiada dentro das Forças Armadas. Muitos oficiais militares destinados às regiões do norte do país nutriam grande interesse pela arqueologia, pelo deserto e pelas “múmias”, o que garantiu certa proteção institucional ao curso.

Ainda assim, a Antropologia sobreviveu em um estado de abandono acadêmico. Eu me considero um produto desse contexto. De fato, ao pensar em meus melhores professores, percebo que poucos eram, de fato, antropólogos. Um exemplo notável foi Pedro Cunill Grau, geógrafo chileno que

posteriormente se radicou na Venezuela, onde recebeu o Prêmio Nacional de Ciências. Ele foi meu professor durante a ditadura e ofereceu uma perspectiva acadêmica sólida, mas, no geral, havia uma escassez de docentes altamente qualificados na área de Antropologia.

Tivemos poucos professores formados como antropólogos. Um dos poucos foi o professor Michel Romieux. Ele era o único etnógrafo do corpo docente. Foi importante para nós. Mas tivemos poucos professores formados em antropologia.

Fernanda Santiago / Mauricio Caviedes: Compreendo. No contexto da ditadura, outras ciências sociais sofreram repressão mais intensa? Imagino que Sociologia e História tenham sido especialmente visadas. Tal vez a economia interessava mais ao regime como instrumento, especialmente no contexto da privatização do Estado?

Juan Carlos Skewes: O que ocorreu foi um processo de fragmentação dentro das universidades. Antes do golpe militar, a Universidade do Chile possuía duas tendências no departamento de Economia, uma voltada para uma abordagem histórica e outra para o estudo do mercado. Da mesma forma, Arquitetura se dividia entre uma perspectiva urbanista e outra voltada ao design.

Com a ditadura, essas subdivisões desapareceram. Apenas as abordagens alinhadas à lógica do regime foram preservadas. Esse fenômeno ilustra como a reestruturação acadêmica durante a ditadura foi instrumentalizada para reforçar o modelo econômico e ideológico imposto pelo governo militar.

Parte III: Geografia, Natureza, Meio Ambiente e Movimentos Sociais.

Fernanda Santiago / Mauricio Caviedes: Sim, entendo. Então, voltando à sua trajetória, você desempenhou esse duplo papel de funcionário público e "professor-táxi", como você mesmo diz. Foi docente acadêmico e funcionário público simultaneamente. E, nesse momento inicial, seu trabalho estava centrado principalmente em populações juvenis para garantir direitos, acesso à justiça e relações familiares. Um dos aspectos que considero interessantes é que a sua produção enfatiza significativamente as relações com a natureza, a conservação ambiental e os direitos ambientais das populações rurais chilenas. Como seu trabalho com populações juvenis evoluiu para focar nos direitos ambientais?

Juan Carlos Skewes: Bem, essa questão representa outra etapa da minha vida.

Fiz pós-graduação fora do país. Em 1997, retornei ao Chile, à cidade de Valdivia e me deparei com um conflito ambiental. Tratava-se de uma empresa que, atualmente, possui uma dimensão latino-americana. Talvez você a conheça, pois está localizada no sul do Brasil: Arauco. Naquele momento, estavam implementando a planta industrial da Arauco no Rio Cruces, em Valdivia.

Na época, havia um projeto de evacuar os resíduos pelos rios até o mar, em direção à Baía de Maiquillahue. Assim, com minha experiência de trabalho em setores populares, além do compromisso político e outras influências, acabei me inserindo nesse conflito. Foi então que comecei a desenvolver uma relação [com a população local afetada pelos impactos ambientais da empresa], vínculo esse que perdura até hoje.

Isso ocorreu em 1997, e o conflito persiste. Tem a duração de uma vida inteira. A população envelheceu, mas, de certa forma, manteve a resistência.

119 Valdivia é uma cidade onde não se pode ignorar o impacto do ambiente circundante. A paisagem é excessivamente verde, intensamente líquida; é uma cidade que flutua sobre as águas, onde todo o território é marcado por dinâmicas associadas às questões ambientais. A cidade é repleta de árvores, de espécies silvestres, de reivindicações e de lutas sociais. A intensidade é notável.

Ainda assim, quando reviso esses trabalhos e olho para o passado, percebo influências [intelectuais], ligadas com as obras do [Arturo] Escobar. Há algo que se mantém, que é a ideia de desenvolvimento, um tema central na obra do Escobar. De certa forma, o que intuí ao trabalhar com grupos populares urbanos — e mais tarde formalizei em escritos — foi que a maneira como o espaço é configurado, a sua arquitetura espacial, define em grande medida o tipo de relação que esses grupos estabelecem com a sociedade em geral.

Se pudermos caracterizar essa arquitetura, diria que era essencialmente labiríntica, dotada dessa dupla condição de se ocultar e, simultaneamente, controlar visualmente o entorno. Identifiquei esse mesmo padrão nos campamentos informais. No Chile, denominamos "campamentos" às ocupações urbanas informais.

Ao trabalhar com populações jovens e analisar a forma física dos espaços e a sua materialidade, a

influência do ambiente tornou-se evidente para mim. Quando entrei em contato com o mundo Mapuche, na região da cordilheira, percebi que, embora os padrões de organização espacial fossem distintos, a lógica de ocultamento e visibilidade como instrumentos físicos se mantinha. Esses instrumentos não eram apenas visuais, mas também acústicos e multidimensionais na construção urbana.

Assim, mesmo que a aparência [das construções populares] varie — com o uso de materiais como papelão, madeira ou fita adesiva —, a forma de articulação com o meio ambiente é semelhante. Meu convencimento de que há um valor intrínseco dentro dessas comunidades, um sentido próprio que merece ser respeitado, levou-me a tentar visualizá-lo e explicitá-lo.

Fernanda Santiago / Mauricio Caviedes: E, nessa transição para a década de 1990, você se afastou para realizar o doutorado em 1990?

Juan Carlos Skewes: Sim. Retornei ao Chile em 1997.

Fernanda Santiago / Mauricio Caviedes: A percepção que tenho, baseada no que ocorreu em outros países latino-americanos, como a Colômbia, nos anos 1990 e possivelmente até 2010, é que havia uma forte influência da antropologia norte-americana e da antropologia francesa. Contudo, coexistia também uma tradição muito robusta da antropologia marxista, resultado da relação entre antropólogos, o movimento camponês e o movimento operário. Essa vinculação [com o marxismo] parece ter se enfraquecido com o tempo. Dentro das universidades e no ensino da antropologia, essa tradição parece ter perdido parte da sua força, pois muitos acadêmicos passaram a se formar nos Estados Unidos, alguns na França, mas principalmente nos EUA.

Isso provocou uma transformação na antropologia colombiana. Por outro lado, em países como o Brasil, os anos 1990 representaram um período de florescimento da antropologia brasileira. Com o fim da ditadura, houve mais liberdade para expressar ideias associadas à relação política entre a antropologia e os movimentos sociais. Gostaria de saber se ocorreu um movimento semelhante no Chile ou se o contexto foi diferente. Qual foi o impacto da década de 1990 na formação e na prática da antropologia?

Como você percebeu essa influência durante o período em que esteve entre o Chile e os Estados Unidos?

Juan Carlos Skewes: Talvez minha trajetória profissional represente um período de transição, sobretudo na segunda metade da década de 1980, quando me integrei ao trabalho em uma ONG local. Nessa época, trabalhávamos com setores populares em projetos de autoconstrução e formação de lideranças. O cenário teórico desse período estava fortemente influenciado pela educação popular, por autores como Orlando Fals-Borda e Paulo Freire. Havia também uma influência significativa de Carlos Rodríguez Brandão, entre outros intelectuais. Além disso, o pensamento de Antonio Gramsci teve um impacto expressivo. Essas foram influências cruciais para mim no final dos anos 1980, período em que me desloquei para os Estados Unidos.

Minha ida para os EUA ocorreu, em grande medida, por questões circunstanciais, relacionadas à idade. Candidatei-me várias vezes a uma bolsa de estudos, mas fui sistematicamente rejeitado, pois o governo chileno participava do processo de seleção. No último ano em que poderia concorrer, finalmente fui aceito. Dado o limite de idade para a bolsa, essa era a minha última oportunidade. Assim, a minha decisão de estudar nos Estados Unidos foi motivada essencialmente por esse fator.

121 No contexto intelectual chileno, essa referência é relevante. No caso do Chile, houve uma peculiaridade: todos os recursos organizacionais foram absorvidos e institucionalizados pelas políticas sociais dos governos da transição democrática [pós-ditadura]. Como consequência, houve uma espécie de perversão conceitual, por assim dizer, de noções como "poder popular" e "empoderamento". Conceitos que, em determinado momento, possuíam significados claros passaram a ter conotações distintas. No campo da antropologia, não me refiro à disciplina como um todo, mas pelo menos na Universidade do Chile, infelizmente, a antropologia foi, na minha visão, colonizada pela "teoria do sistema". Essa influência tornou-se tóxica para o desenvolvimento da antropologia na instituição, pois negava a importância do trabalho etnográfico.

Até hoje, essa abordagem teórica continua a ser hegemônica. Se eu perguntar aos colegas sobre os dados etnográficos, eles parecem acreditar que não são essenciais. A resposta recorrente é que "os sistemas são autorreferenciais" e que "importa compreender os sistemas como tais". É uma literatura baseada em números.

Fernanda Santiago / Mauricio Caviedes: Estamos falando da influência de Talcott Parsons, ou Robert Merton?

A grande deformação: uma análise antropológica sobre os grandes empreendimentos desenvolvimentistas

Juan Carlos Skewes: Não. Eles [Merton e Parsons] pertenciam a um período anterior e influenciaram a Carlos Munizaga Aguirre, que criou o programa de Antropologia Social na Universidad de Chile. O desenvolvimentismo é uma corrente da década de 1960. No contexto chileno, foi influenciada por um jesuíta chamado Roger Vekemans, que trouxe uma relevante influência francesa na interpretação do conceito de desenvolvimento. Além disso, a presença de Alain Touraine no campo da sociologia foi igualmente significativa. Mas a maior influência sociológica no programa de Antropologia na Universidad de Chile foi da teoria de sistemas de Niklas Luhmann. Essa influência gerou uma espécie de cisão marcante entre a chamada antropologia "modernizante", como comumente se denomina, e os estudos etnológicos voltados para os povos indígenas.

Por exemplo, fora desse contexto de influência, no campo da antropologia voltada para os povos indígenas, há colegas no Chile que se dedicam ao estudo da cultura Mapuche, tanto na Universidad de Chile, quanto na Academia de Humanismo Cristiano, Universidad Austral de Chile, Universidad Católica de Temuco e Universidad de Los Lagos. Além disso, no norte do país, o desenvolvimento da antropologia conta com um programa de doutorado de grande relevância na Universidad de Tarapacá e na Universidad Católica do Norte, onde se concentram estudiosos dos povos indígenas andinos. A interlocução estabelecida por esses pesquisadores ocorre diretamente com as populações andinas. Trata-se, portanto, de processos distintos que coexistem dentro da mesma nação. No entanto, se analisarmos a influência da teoria dos sistemas de Luhmann, verificaremos que sua adoção contribuiu para a profissionalização da antropologia. Dessa forma, os antropólogos chilenos ingressam no mercado de trabalho fortemente influenciados por esse instrumental teórico, o que, infelizmente, resulta no enfraquecimento da antropologia enquanto disciplina propriamente dita.

Refiro-me, especificamente, à antropologia social e cultural fundamentada na etnografia. O mesmo fenômeno não ocorreu na arqueologia, que, no Chile, experimentou um desenvolvimento notável. Atualmente, a arqueologia é uma das disciplinas mais consolidadas no país, o que, de certo modo,

Fernanda Santiago / Mauricio Caviedes: Esse desenvolvimento da arqueologia ocorreu dissociado

da antropologia social? Ou seja, mesmo dentro do mesmo departamento, a arqueologia seguiu um caminho distinto?

Juan Carlos Skewes: Em certa medida. Quando ingressei na universidade, considerava a arqueologia e a antropologia como uma unidade. No entanto, essa perspectiva se tornou minoritária no cenário acadêmico atual. Existiram, de fato, figuras intelectuais que desempenharam um papel fundamental na articulação entre as duas disciplinas. Quando fundamos o Colégio de Antropólogos do Chile, em 1984, do qual fui presidente eleito, reunimos tanto antropólogos quanto arqueólogos. Não éramos exclusivamente antropólogos. Lembro-me, por exemplo, da colega Victoria Castro Rojas, falecida no ano passado, que transitava entre a etnografia, a arqueologia e a etnobotânica, contribuindo significativamente para esses campos.

Entretanto, ao longo do tempo, a formação acadêmica comum entre antropólogos e arqueólogos foi se enfraquecendo. Essa separação não decorreu tanto das diferenças teóricas, pois os teóricos da arqueologia apresentavam abordagens universalistas. Autores como Lautaro Núñez exemplificam essa visão ampla da realidade cultural. O principal fator de distanciamento entre as disciplinas foi o grau de especialização atingido pelos profissionais em suas respectivas áreas. Um nível cada vez maior de especialização contribuiu para o enfraquecimento das conexões entre o conhecimento especializado e o contexto social.

A influência da tradição acadêmica norte-americana também se faz sentir com intensidade, embora tenha se manifestado mais tardiamente. Um exemplo dessa influência pode ser observado na criação da carreira de Antropologia na Pontifícia Universidade Católica do Chile, por volta de 2014. Entretanto, sua principal referência teórica não provém dos Estados Unidos, mas de autores anglo-saxões, como Tim Ingold. O programa adotado por essa instituição poderia, portanto, ser implementado em qualquer parte do mundo, uma vez que suas leituras são predominantemente em inglês. Ainda que existam vínculos com o território nacional, essa não é a característica definidora do programa.

Fernanda Santiago / Mauricio Caviedes: Você considera que os demais programas de Antropologia no Chile mantêm uma maior conexão com a tradição intelectual chilena?

Juan Carlos Skewes: A influência da tradição intelectual francesa permanece bastante relevante. É impossível ignorar autores como Pierre Bourdieu e Michel Foucault. No Chile, a influência norteamericana do período "pós-Geertz" tal vez tenha perdido força. Os novos materialismos emergiram como uma corrente teórica poderosa e bastante presente. Além disso, especialmente nos estudos costeiros, observa-se uma influência significativa proveniente do Brasil e da Espanha. No caso da antropologia sobre o mundo andino, existe uma linguagem própria, em que as diferenças nacionais não são tão marcantes na formulação das teorias sobre essa realidade específica.

Fernanda Santiago / Mauricio Caviedes: Em relação às mudanças nos conflitos ambientais e aos problemas decorrentes dessas disputas, você percebeu uma reorientação nos anos 1990? Ou acredita que as preocupações gramscianas e a pedagogia popular mantiveram sua relevância no trabalho com organizações sociais?

124

Juan Carlos Skewes: Os conflitos ambientais trouxeram transformações significativas. A influência de Arturo Escobar foi de grande relevância nesse contexto, assim como a contribuição da antropologia latino-americana em geral. Propostas teóricas que vão desde a Teologia da Libertação passando por uma grande variedade de teorias participam no debate. Mas, ao mesmo tempo, as organizações sociais locais modificaram suas formas de atuação.

Na primeira fase da minha trajetória profissional, trabalhei em programas assistencialistas voltados ao apoio individual. Posteriormente, ao atuar em ONGs, nosso foco passou a ser a capacitação para a organização coletiva. Em um terceiro momento, ao lidar com processos de resistência, buscamos integrar-nos a movimentos sociais que já estavam sendo conduzidos por grupos locais. Atualmente, os

próprios atores sociais nos demandam um papel de "intelectuais orgânicos", no sentido gramsciano. Ou seja, nossa participação ocorre apenas quando solicitada, e são eles que determinam o grau e a finalidade de nossa intervenção.

Dessa maneira, o posicionamento dos antropólogos em relação às organizações sociais sofreu uma mudança substancial ao longo do tempo. Assim, as influências teóricas e conceituais estão sujeitas a uma dinâmica de tensão em relação à prática concreta das organizações locais.

Parte IV: Pós-Ditadura e Antropologia.

Fernanda Santiago / Mauricio Caviedes: Você diria que essa relação com intelectuais mais orgânicos tornou-se mais acessível com o fim da ditadura? Ou acredita que, apesar do processo de democratização na década de 1990, a estrutura de privatização das funções do Estado e a administração privada dos recursos naturais do país dificultaram o trabalho antropológico junto às organizações sociais que resistiam às consequências desse modelo de gestão? Quais eram as diferenças em relação ao período anterior à década de 1990?

125

Juan Carlos Skewes: Talvez seja pertinente acrescentar que uma característica da ditadura foi a convivência entre as instituições políticas públicas e privadas, em um sentido bastante amplo. Isso se tornou evidente com a reabertura das empresas privadas e a retomada dos grandes investimentos na década de 1990. Naquele momento, denunciávamos esse fenômeno por meio de mobilizações sociais, manifestações e diversas formas de ativismo. Contudo, a ditadura havia implementado uma estratégia que, à época, não compreendemos inteiramente: a focalização dos subsídios públicos em nível individual.

A individualização dos serviços públicos do Estado, aliada à privatização dos espaços produtivos e do acesso aos recursos naturais, criou uma política estatal voltada para indivíduos em situação de emergência ou vulnerabilidade socioeconômica. Além disso, as empresas privadas passaram a participar da distribuição dos recursos públicos, o que configurou um sistema de repartição. Com o tempo, essas empresas perceberam que a relação com as comunidades era complexa e que as práticas tradicionais de resistência se tornavam indesejáveis para seus objetivos de lucro e rentabilidade.

Dessa forma, dois processos ocorreram simultaneamente. Por um lado, houve uma fragmentação

A grande deformação: uma análise antropológica sobre os grandes empreendimentos desenvolvimentistas

social decorrente da política de subsídios individuais, na qual cada pessoa buscava maximizar suas oportunidades de acesso aos recursos públicos. Por outro, as empresas começaram a privilegiar certas formas de vinculação comunitária, estabelecendo alianças estratégicas com segmentos específicos da população. Isso, por sua vez, fomentava uma participação política conveniente para os interesses empresariais, exacerbando a divisão dentro das próprias comunidades. Esse fenômeno não se restringiu ao Chile, mas ocorreu em toda a América Latina, manifestando-se por meio do empreendedorismo, da proliferação de microempresas e da mercantilização das atividades comunitárias.

Por exemplo, em uma comunidade Mapuche chamada Maihue, um grupo de mulheres desejava organizar uma horta coletiva. Entretanto, as autoridades informaram que havia recursos disponíveis, mas que não poderiam ser destinados a projetos coletivos; os subsídios só seriam concedidos individualmente. Ou seja, cada mulher poderia receber apoio financeiro para sua própria horta, mas se decidissem trabalhar coletivamente, o financiamento seria inviável. Esse tipo de política minava os laços comunitários e desarticulava completamente a economia local.

Essas tensões se intensificaram a partir do final da década de 1990, mas, a partir dos anos 2000, começaram a surgir mudanças nesse panorama. As empresas passaram a buscar novas formas de associação, incentivando a criação de microempresas prestadoras de serviços para atividades extrativistas. Paralelamente, utilizavam mecanismos de apoio comunitário, como o financiamento de clubes esportivos e outras iniciativas locais, criando um ambiente socialmente complexo e desafiador para a atuação dos antropólogos.

Isso gerou um dilema interessante. No âmbito do Colégio de Antropólogos do Chile, trabalhar para uma empresa privada era considerado inaceitável na época. No início dos anos 2000, essa ideia era praticamente um tabu. Hoje, entretanto, acredito que o Colégio de Antropólogos do Chile terá de enfrentar a discussão sobre a relação entre antropologia e setor privado como uma realidade cada vez mais frequente.

Fernanda Santiago / Mauricio Caviedes: Do ponto de vista teórico, sua formação nos Estados Unidos transformou as bases a partir das quais você exercia a antropologia? Essa experiência abriu novos horizontes e permitiu que você enxergasse aspectos que antes não percebia? Ou sua formação nos EUA agregou elementos que se integraram à sua trajetória acadêmica anterior? Como você vivenciou essa experiência?

Juan Carlos Skewes: Sem dúvida, essa experiência teve um impacto profundo em minha trajetória, principalmente devido à minha idade na época, à formação acadêmica precária que eu possuía e à minha vocação política. Esses três fatores foram determinantes quando cheguei aos Estados Unidos.

Ao ingressar na universidade norte-americana, eu não compreendia plenamente a dimensão do ambiente acadêmico em que estava inserido. Hoje, percebo que tive oportunidades que, naquele momento, não fui capaz de valorizar devidamente. Tive contato direto com intelectuais como James Scott e Sidney Mintz, mas, na época, não compreendia a real importância desses autores.

Além disso, minha chegada aos Estados Unidos coincidiu com a eclosão da Guerra do Golfo. Embora os estrangeiros residentes nos EUA não pudessem se engajar diretamente nas mobilizações contra a guerra, participei ativamente do Resource Center of America, um centro de cooperação e solidariedade. Esse espaço promovia não apenas a disseminação de informações, mas também programas de assistência direta a grupos deslocados. Curiosamente, percebi que havia mais solidariedade nos Estados Unidos do que no Chile naquele período. Sou muito grato às influências acadêmicas e políticas que recebi durante essa fase da minha vida.

127

Tive proximidade com Stephen Gudeman, que trabalhou com Alberto Rivera na Colômbia. Ele possuía uma abordagem com a qual eu conseguia dialogar e que me proporcionou uma orientação significativa. Também fui aluno de Ian Hodder, um arqueólogo interpretativista britânico. Ele organizava seminários na sua própria casa e era amigo de intelectuais como Anthony Giddens. Foi Hodder quem me introduziu aos trabalhos de Bruno Latour, e aos estudos materialistas. Paradoxalmente, ele estava interessado nas teorias culturalistas e, ao mesmo tempo, apontava que era necessário observar que “temos aqui um mundo material que precisamos entender”.

Isso teve grande valor, para mim. Me identificava com ele. Além disso, acredito ter muita proximidade e interesse com a geografia. As minhas últimas publicações estão em jornais da geografia. Me interesse pela geografia cultural. Fortaleci esse interesse pela influência de Ian Hodder e Stephen Gudeman.

Outros aportes, que inicialmente não percebi com tanta clareza, vieram de Gloria Raheja. Ela trabalhava com os estudos subalternos, uma vertente teórica com a qual eu não estava familiarizado. Naquela época, a noção de pós-colonialismo ainda não era amplamente debatida na América Latina.

A grande deformação: uma análise antropológica sobre os grandes empreendimentos desenvolvimentistas

Minha percepção ingênua era de que o colonialismo era um fenômeno do passado; hoje, compreendo que continuamos a vivenciá-lo de diversas maneiras.

Talvez uma das influências mais marcantes que tive foi a descoberta da obra de Michel de Certeau, que, curiosamente, esteve no Chile. Porém, eu só conheci a sua obra nos Estados Unidos. O papel do cotidiano e a abordagem das táticas de resistência na vida cotidiana, particularmente desenvolvida por James C. Scott foi também um dos meus principais interesses.

Ao pensar nisso, acredito que as minhas fontes de inspiração teórica não são muito restritas pelo limites disciplinares. Esse tipo de antropologia, fortemente influenciado pela geografia e pela sociologia, ampliou meus horizontes teóricos de maneira significativa.

Misturei tudo isso com pensadores da América Latina, que continuaram a ser muito importantes para mim, como Guillermo Bonfil Batalla. Tive a possibilidade de pensar a teoria do controle cultural [de Bonfil Batalla] em diálogo com as reflexões derivadas das obras de André Gunder Frank e da teoria da dependência. Estar nos Estados Unidos me permitiu compreender melhor esses conceitos. Outro autor que exerceu grande influência sobre mim foi David Harvey, especialmente sua análise do conceito de espoliação, essencial para entender fenômenos como globalização e pós-modernidade.

128

Por outro lado, cheguei aos Estados Unidos em um período em que a antropologia pós-moderna estava em ascensão. Esse tipo de abordagem, mais introspectiva e autorreflexiva, nunca me atraiu particularmente. De certa forma, senti que a antropologia estava se tornando excessivamente literária e autorreferencial. Por esse motivo, acabei me distanciando dessa vertente e priorizando abordagens que dialogavam melhor com minha experiência prática e política.

Fernanda Santiago / Mauricio Caviedes: Essa influência mais literária, que questiona o estilo da escrita etnográfica, afetou a maneira como você compreendia a etnografia? Ou sente que manteve o tipo de etnografia que vinha realizando antes de ir para os Estados Unidos?

Juan Carlos Skewes: Acredito que continuei praticando uma etnografia no estilo de Marcel Mauss. Sem dúvida, existe uma diversidade de vozes, mas os elementos essenciais estão lá. Minha intenção sempre foi privilegiar essa relação com a descrição etnográfica.

Fernanda Santiago / Mauricio Caviedes: A etnografia da década de 1990 impactou a antropologia

chilena?

Juan Carlos Skewes: Não sei exatamente. Acredito que foi um fenômeno efêmero. No entanto, do meu ponto de vista, o maior impacto negativo para a etnografia tem sido o desenvolvimento dos estudos de metodologia qualitativa nas ciências sociais. O que se convencionou chamar de "metodologia qualitativa" tem, em minha opinião, um efeito erosivo. Ao analisarmos a produção acadêmica chilena recente, percebemos que uma grande parte dos textos se dedica à mera transcrição de entrevistas, o que equivale quase à negação da etnografia. A distinção entre o que as pessoas dizem e o que realmente fazem se torna crucial. Encontramos uma profusão de testemunhas, muitas vezes sem análise crítica, o que, felizmente, tem diminuído. Limitar-se à transcrição de entrevistas não faz sentido e tem prejudicado a disciplina. Eu, pessoalmente, evito utilizar o conceito de metodologias qualitativas e prefiro recorrer exclusivamente ao termo etnografia, explorando formas alternativas de pesquisa. Podemos realizar uma etnografia comprometida/engajada, estabelecer parcerias, buscar métodos novos, entre outras abordagens. Mas o fundamental é sempre manter uma relação estreita com o campo de pesquisa. Por esse motivo, e pela inspiração na antropologia latinoamericana, vários de nós participamos na criação do programa de Antropología da Universidad Alberto Hurtado, no ano de 2011.

129

Parte V: Nos tempos do capitalismo

Fernanda Santiago / Mauricio Caviedes: Retomando a questão dos conflitos ambientais, você mencionou que, a partir desses conflitos, você e seus colegas passaram a estabelecer novas relações com organizações sociais envolvidas nessas questões. Algumas dessas relações evoluíram para uma colaboração mais próxima, no estilo dos intelectuais orgânicos. Como essa relação se desenvolveu?

Juan Carlos Skewes: Acredito que, no período de mobilização "ativa", havia elementos de neopopulismo, na medida em que se partia do pressuposto de que "o povo detém a verdade". Durante os protestos sociais de anos atrás, chegamos a reunir milhões de pessoas nas ruas. Esse processo foi marcado por um entusiasmo natural. Aqueles que historicamente haviam sido marginalizados conquistaram visibilidade. Houve, portanto, uma transição: deixamos de ser apenas orientadores do trabalho de assistência social para passarmos a ser orientados pelas organizações locais. Nesse último estágio, percebo uma maior maturidade, tanto por parte das organizações sociais quanto dos profissionais que prestam apoio técnico. As organizações passaram a se reconhecer como agentes vinculados por interesses e tarefas comuns. Dessa forma, os espaços de ação política se tornaram mais

maduros.

Contudo, essa maturidade também implica uma redução na escala da ação política. Um exemplo recente de colaboração foi com uma comunidade de praticantes de um rito tradicional. Eles enfrentam um problema específico: para concluir a cerimônia, precisam atravessar um determinado território com os pés descalços e depositar a oferenda em um monte. No entanto, há um projeto governamental para pavimentar essa área. Como não podem realizar o ritual sobre pavimento, surge uma demanda muito específica. Nosso papel, como antropólogos, é traduzir essa demanda para um vocabulário técnico e explicar às autoridades públicas por que é fundamental que o ritual ocorra da forma tradicional. Dessa maneira, buscamos alternativas, como a interrupção do projeto naquele trecho ou outras soluções viáveis. O importante é que essa cooperação se baseia em demandas concretas, sem idealização excessiva, nem do técnico, nem da comunidade. A ação acontece, mas em uma escala reduzida.

Fernanda Santiago / Mauricio Caviedes: Quero retomar dois temas abordados no livro "Regenerar a Vida nos Tempos do Capitalismo". O primeiro é o turismo como uma expressão do capitalismo que afeta a relação das pessoas com o meio ambiente e com os seres não humanos. O segundo ponto está relacionado à expressão "tempos do capitalismo", que parece ser uma forma mais realista de abordar a experiência das comunidades Mapuche ou camponesas. Em vez de adotar uma postura estritamente anticapitalista, essa perspectiva reconhece que essas comunidades resistem ao capitalismo sem necessariamente escapar dele. É uma forma de existência que se inscreve no contexto capitalista, ainda que, dentro da lógica convencional do desenvolvimento, seja vista como um obstáculo. Entendi corretamente?

Juan Carlos Skewes: Sim. Essas comunidades estão inseridas em uma sociedade capitalista da qual não podem escapar. O exemplo do turismo é ilustrativo: algumas famílias Mapuche passaram a construir instalações para receber turistas. As instalações são cabanas projetadas segundo um padrão ocidental, mas, ao fundo, permanecem as moradias tradicionais Mapuche, com suas próprias normas e formas de organização.

Fernanda Santiago / Mauricio Caviedes: Isso nos leva à ideia de que essas comunidades não necessariamente concebem o capitalismo como uma fase histórica a ser superada.

Juan Carlos Skewes: Talvez essa expectativa de "sair" do capitalismo seja um pressuposto nosso,

que não se aplica às concepções dessas comunidades. Nosso papel, como antropólogos, é compreender essa dinâmica, sem impor nossas próprias visões políticas.

Me lembro de um exemplo mencionado por uma colega, embora não saiba se ocorreu em alguma aula. Tratava-se de uma mulher Mapuche que foi criada em uma comunidade rural e que vivia com a avó. Entre os Mapuches, é comum que as crianças passem parte da infância com as avós. Certo dia, um padre visitou a casa e trouxe um pacote de biscoitos como presente. A menina olhava para os biscoitos, esperando que o padre partisse para poder comê-los. No entanto, sua avó disse ao padre: "Leve essas maçãs, há muitas espalhadas ao redor da árvore". O padre aceitou as maçãs com satisfação e foi embora. Até esse momento, a história parecia seguir um curso ordinário, mas, assim que o padre saiu, a avó ordenou: "Minha filha, jogue todos os biscoitos no fogo!".

A avó realizou toda a encenação, demonstrando aceitação ao presente do padre, mas permaneceu fiel às suas próprias práticas alimentares, consumindo apenas os alimentos da casa.

Esse comportamento se insere em um padrão mais amplo e antigo. Por que algumas comunidades Pehuenches — pertencentes ao povo Mapuche na Cordilheira — adotaram uma postura pragmática durante as lutas da independência do domínio espanhol (no início do século XIX)? Por que, em determinado momento histórico, apoiaram a Coroa Espanhola durante o período colonial? Porque as reformas econômicas das Leis Borbônicas abriram oportunidades comerciais que lhes eram favoráveis. Em última instância, essas comunidades precisavam, de alguma forma, se relacionar com a economia externa.

131

De fato, no Chile, ao contrário do que ocorre em outros países, como a Colômbia, há uma distinção muito marcada entre chilenos e Mapuches. Estabeleceu-se uma separação clara entre ambos. Penso que essa lógica pode ser interpretada como um modo de estar dentro do capitalismo, mas sem necessariamente pertencer a ele. Isso, no entanto, não significa que essas comunidades não participem de processos capitalistas. Elas podem gerar lucro e envolver-se em práticas que, sob determinadas perspectivas, seriam classificadas como capitalistas, mas sempre dentro de um contexto de relativa autonomia.

Fernanda Santiago / Mauricio Caviedes: Essa reflexão me leva a pensar que a suposição de que essas comunidades teriam uma luta essencialmente anticapitalista pode derivar, na verdade, de uma aceitação tácita — talvez até minha — da ideia de que o capitalismo representa uma fase histórica

inevitável. Talvez essa concepção não esteja presente nas próprias comunidades indígenas ou camponesas. Para esses grupos, pode não existir, necessariamente, a expectativa de "superar" ou "escapar" do capitalismo.

Juan Carlos Skewes: Creio que essa questão reflete mais um problema da nossa própria percepção. Também me surpreende esse aspecto, mas, ao me colocar no lugar dessas comunidades, percebo que minha preocupação deveria ser contribuir para a melhoria das condições de vida delas. No entanto, isso não significa que eu deva impor minhas próprias convicções políticas sobre os grupos com os quais trabalho.

Fernanda Santiago / Mauricio Caviedes: Uma última pergunta para não tomar mais seu tempo. Você iniciou sua trajetória profissional atuando como funcionário em organizações sociais, depois trabalhou com algumas ONGs e, ao longo desse percurso, manteve uma relação constante com a universidade como docente. Nos últimos anos, pelo que percebo, você continua a manter vínculos com organizações sociais. Você acredita que as mudanças recentes nas universidades alteraram a relação da antropologia com os movimentos sociais?

Juan Carlos Skewes: Sem dúvida. Creio que as universidades operam, hoje, sob uma lógica que poderíamos chamar de "millennial", caracterizada pela ênfase na produtividade e na incessante necessidade de aumentar a quantidade de publicações científicas.

Posso ser crítico desse modelo, mas, ao mesmo tempo, compreendo suas dinâmicas: se o financiamento das universidades depende dos aportes estatais, e esses, por sua vez, são condicionados aos indicadores acadêmicos de seus professores, não há muito espaço para mudanças estruturais. Trata-se de um sistema globalmente interligado, que impõe múltiplas restrições à vida acadêmica e estimula uma compulsão pela produtividade.

Pessoalmente, também aumentei minha produção de publicações, o que demonstra que, de certa forma, faço parte desse sistema. Não condeno meus colegas por atuarem nesse contexto, pois, de fato, as universidades atuais estão cada vez mais distantes do mundo social.

Atualmente, passo a maior parte do tempo em trabalho de campo, fora dos edifícios acadêmicos. No entanto, minha posição é privilegiada: sou um pesquisador experiente, não estou submetido a avaliações constantes e possuo maior flexibilidade dentro da academia. Ainda assim, considero que

esse modelo universitário nos prejudica.

Referências:

BONFIL-BATALLA, Guillermo. México Profundo: Una Civilización Negada. México DF: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes /Grijalbo. 1990.

CORTÉS, A. . Clodomiro Almeyda and Roger Vekemans: The tension between autonomy and political commitment in the institutionalization of Chilean sociology, 1957–1973. *Current Sociology*, 69(6), 900-918. (2021).

ESPINOZA CONCHA, P. M & MEZA-ALIAGA, M. Obituario Doctor Pedro Cunill Grau: Un Geógrafo Americanista: (Santiago, Chile, Abril 11 de 1935 - Caracas, Venezuela, marzo 24 de 2023). *Revista Notas Históricas y Geográficas*, (32), 403-415. (2024).

FALS-BORDA O. Historia Doble de la Costa. Universidad Nacional de Colombia, Banco de la República, Ancora Editores. - 2. ed. Tomos I – V. 2002

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido, 17a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GARCÍA, M; ESCOBAR, M. . Victoria Castro Rojas en el recuerdo. Práctica investigativa y formación de una mirada. *Revista Chilena de Antropología* 50: 1-13 (2024) Disponible_

GUDEMAN S, RIVERA A. *Conversations in Colombia: The Domestic Economy in Life and Text*. Cambridge University Press; 1990.

GUNDER FRANK, A. *Latin America: Underdevelopment or Revolution* New York: Monthly Review Press 1969.

HARVEY, D. *The New Imperialism*, Oxford University Press (New York, NY), 2003.

MEDINA, E. Y RIZZO, S. El Profesor Carlos Munizaga Aguirre. Sus Contribuciones a la Salud Mental, la Psiquiatría y la Antropología Médica en Chile. *Revista de Psiquiatría* 10, 3: 37-46. 1993. Disponível: Medina, E. y Rizzo, S. 1993. El Profesor Carlos Munizaga Aguirre. Sus Contribuciones a la Salud Mental, la Psiquiatría y la Antropología Médica en Chile. *Revista de Psiquiatría* 10, 3: 37-46.

MINTZ, S. *Sweetness and Power. The place of sugar in modern History*. NY: Penguin Books. 1986

MUNIZAGA, C. Estructuras transicionales en la migración de los araucanos de hoy a la ciudad de Santiago de Chile. Santiago: Centro de Estudios Antropológicos. 1961.

MUNIZAGA, C. *Vida de un Araucano*, prologado por Alfred Metraux. Santiago: Centro de Estudios Antropológicos. 1960

A grande deformação: uma análise antropológica sobre os grandes empreendimentos desenvolvimentistas

PIGNULLI OCAMPO, SERGIO. El programa sociológico de Niklas Luhmann y su contexto. *Revista mexicana de sociología*, 77(2), 301-328. 2015. Disponível: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S0188-25032015000200005&script=sci_abstract

SCOTT, J. C. *Weapons of the Weak*. New Haven, CT: Yale University Press. 1985.

SKEWES, J.C.. *La regeneración de la vida em los tiempos del Capitalismo: Otras huellas en los bosques nativos del Sur de Chile*. Santiago: Ocho libros Editoriales. 2019

SKEWES, J. C., & GUERRA, D. The Defense of Maiquillahue Bay: Knowledge, Faith, and Identity in an Environmental Conflict. *Ethnology*, 43(3), 217–231. 2004 <https://doi.org/10.2307/3774063>

SKEWES, J.C.. *La Exacerbación de la Desigualdad en La Periferia Urbana en Santiago, Chile: El Diseño Espacial de los Asentamientos Irregulares y su Desmantelamiento a través de las Políticas de Vivienda Fermentum*. *Revista Venezolana de Sociología y Antropología*, 11 (31): 256-272. 2001.

